

caderno3

Diário do Nordeste

FORTALEZA, CEARÁ - SEGUNDA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 2009 | ANO XXVIII | caderno3@diariodonordeste.com.br

FESTIVAL DE BRASÍLIA

Encontros de cinema



■ A MOSTRA COMPETITIVA termina hoje com a exibição de dois curtas pernambucanos ("Azul" e "Faço de Mim o que Quero") e mais um documentário em longa mineiro "A Falta que me Faz" (Foto)

Além da exibição de filmes, curtas e longas, a programação do Festival de Brasília também promove discussões e debates sobre a sétima arte

FÁBIO FREIRE
Enviado a Brasília

A ideia de um festival é fazer com que o público assista a filmes e mais filmes. Alguns que jamais chegarão ao circuito comercial e têm nesses espaços a oportunidade única de chegar ao alcance do espectador. Outros que ganham nessa exibição privilegiada o pontapé inicial de uma possível carreira nas salas de cinema. Entre um filme e outro, depois de um curta ou de um longa, o cinema toma outros espaços e vira assunto de salutares debates.

Segundo essa linha, o Festival de Brasília tem apresentado uma série de atividades paralelas que promovem discussões, conversas e colocam o cinema como principal assunto em pauta. Seminários sobre narrativas de curtas-metragens, debates sobre os filmes exibidos, oficinas sobre roteiro, entre outras ações que preenchem a programação do evento.

Entre elas, umas das mais importantes foi o encontro do Congresso Brasileiro de Cinema, que aconteceu na última quinta e sexta-feira, no Hotel Nacional. O CBC é um fórum de debate contínuo que congrega mais de 50 instituições relacionadas ao cinema, desde da produção, realização, pesquisa e difusão. Sua principal função, propor políticas de audiovisual e manter a chama acesa do debate sobre o cinema nacional.

Novas proposições

"Próximo ano será muito importante para nós, estaremos completando 10 anos e realizaremos, em junho, mais um Congresso em Porto Alegre", adianta Rosemberg Cariry, um dos nomes mais representativos da cinematografia cearense e que completa um ano presidindo a instituição agora em janeiro. "Vamos retomar os congressos de cinema das décadas de 1950



■ O FESTIVAL DE CINEMA DE Brasília promove uma série de debates e conferências sobre o cinema brasileiro e uma série de seminários e oficinas sobre narrativas e roteiros

e 1960. A proposta é o congresso funcionar como um grande momento de avaliação do cinema brasileiro nos últimos 10 anos".

Imenso coletivo

A importância do Congresso Brasileiro de Cinema pode ser medida por várias políticas públicas hoje vigentes que surgiram a partir das discussões da instituição, caso da Ancine, por exemplo. "Funcionamos como um imenso coletivo de cinema", explica Cariry. "Estamos em um momento de mudança política, então queremos apresentar nossas propostas e novas proposições para os possíveis presidentáveis".

A reunião durante o Festival de Brasília, de acordo com Rosemberg, serviu para propor aperfeiçoamentos em algumas políticas públicas e estabelecer linhas de diálogos com as instâncias governamentais e organizações ligadas ao audiovisual nacional.

FRASE

"A proposta é o congresso funcionar como um momento de avaliação do cinema brasileiro"

ROSEMBERG CARIRY
Cineasta

do discussões e mudanças estéticas", afirma.

Para Rosemberg Cariry, os festivais de cinema têm exercido um importante papel no ciclo cinematográfico nacional. "Existem cerca de 200 festivais hoje no Brasil, cada qual buscando uma característica própria", conta. "Enquanto uns buscam um caráter comercial, com luzes, tapete vermelho e celebridades, outros são atraídos pela experimentação, por dar visibilidade à produção independente. O perfil de Brasília é o da inquietação, o do debate e da polêmica, das discussões políticas", define. "O Cine Ceará, por exemplo, é Ibero-American, buscando uma integração forte entre o cinema latino-americano frente à hegemonia norte-americana".

Independentemente do perfil, Ro-

seberg Cariry acredita que todos os festivais exercem papel fundamental, inclusive economicamente. "Eles são janelas importantes, com significativa relevância econômica e cultural, gerando empregos, formando público e abrindo debates", argumenta. "Temos que começar a olhar o cinema não apenas como um produto comercial, com ênfase no mercado. Precisamos prestar atenção na sua natureza cultural, intangível", avalia.

Cinema pipoca

No Brasil, já temos um cinema pipoca eficiente e que tem seu público. O que o Congresso Brasileiro de Cinema quer propor são novas políticas públicas mais direcionadas", defende. "Um novo modelo de distribuição que não se limite às salas dos shoppings; queremos defender uma rede popular de cinemas, em cidades pequenas, um cinema ambulante, salas digitais. Temos que parar de olhar o cinema nacional como marginal", defende. Enquanto alguns assistem a filmes, outros decidem quais os melhores rumos para o cinema brasileiro.

COMENTE

caderno3@diariodonordeste.com.br

CINEMA

Confira crítica de "Lua Nova"

• PÁGINA 4



desafinado
3224.7774

* O repórter viajou a convite do evento.